



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
CAMPUS JOÃO PESSOA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB-IFPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO 2ª
LÍNGUA PARA SURDOS NA MODALIDADE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

MICAELY HONÓRIO DA COSTA

**A IMPORTÂNCIA DOS GÊNEROS TEXTUAIS PARA O
DESENVOLVIMENTO DO ALUNO SURDO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

JOÃO PESSOA

2020

MICAELY HONÓRIO DA COSTA

**A IMPORTÂNCIA DOS GÊNEROS TEXTUAIS PARA O
DESENVOLVIMENTO DO ALUNO SURDO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

TCC-Artigo apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus João Pessoa, Polo Alagoa Grande, para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos, sob a orientação da Profª Dra. Monique Alves Vitorino.

JOÃO PESSOA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação –
CIPBiblioteca Nilo Peçanha – IFPB, *Campus* João
Pessoa

C837i

Costa, Micaely Honório da.

A importância dos gêneros textuais para o
desenvolvimento do aluno surdo em língua portuguesa
/Micaely Honorário da Costa. – 2020.

20 f. : il.

Artigo (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa
como 2ª Língua para Surdos) – Instituto Federal da Paraíba
–IFPB / Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação.
Diretoria de Educação a Distância.

CDU 811.134.3:376

FOLHA DE APROVAÇÃO

MICAELY HONÓRIO DA COSTA

**A IMPORTÂNCIA DOS GÊNEROS PARA O DESENVOLVIMENTO DO
ALUNO SURDO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos.

Orientadora: Profa. Doutora Monique Alves Vitorino

Aprovado em 21 de Dezembro de 2020

BANCA EXAMINADORA

Monique Alves Vitorino

Presidente: Dra. Monique Alves Vitorino, IFPB

Diana Ribeiro Guimarães Farias

Examinadora: Ma. Diana Ribeiro Guimarães Farias, UFPB

João Paulo da Silva Fernandes

Examinador: Dr. João Paulo Fernandes, IFPB

A importância dos gêneros textuais para o desenvolvimento do aluno surdo em Língua portuguesa

Micaely Honório da Costa¹

Monique Alves Vitorino²

Resumo: Objetiva-se neste trabalho analisar a contribuição dos gêneros textuais para o desenvolvimento do aluno surdo em língua portuguesa e conhecer a importância dos gêneros como objeto de estudo em sala de aula. Foi realizada, para obtenção dos objetivos, uma pesquisa bibliográfica, apresentando a relevância do estudo do texto para desenvolvimento do aluno surdo em sala de aula por meio do ensino de gêneros textuais. Dos autores estudados, destacam-se Borges (2002) que, numa perspectiva bakhtiniana, entende os gêneros como tipos relativamente estáveis, realizando-se através de situações de comunicação; Matêncio (2008), que faz referência a pesquisadores e professores, mostrando como é importante que eles trabalhem os “conhecimentos prévios”; Dell’Isola (2009), que mostra que a adequação de um texto requer que se considere a atividade social, intelectual na qual o texto é inserido; Almeida (2006) que mostra a proposta bilíngue, reconhecendo o direito linguístico do indivíduo surdo e a linguagem se fazendo parte de um cenário central na imaginação e formação de conceitos escolares pelo aluno; por fim, Barros (2015), o qual mostra a necessidade e os propósitos comunicativos que derivam da utilização da língua por parte dos alunos surdos. Conclui-se que os gêneros textuais servem de apoio para obtenção de conhecimento por parte do aluno surdo e do ouvinte, mostrando que existe uma relação entre os gêneros textuais e a aprendizagem, fazendo ressalvas às dificuldades que os alunos surdos encontram em relação ao texto escrito.

Palavras-chave: Gêneros textuais; Educação de Surdos; Primeira Língua; Português como Segunda Língua.

Abstract: The objective of this work is to know how the textual genres that contribute to the development of the deaf student in Portuguese, and specifically to know the importance of genres as an object of study in the classroom; report the difficulties of deaf students in recognizing textual genres and finally point out the advances achieved by the perspective of genres in the teaching of Portuguese. A bibliographical research was carried out to obtain the objectives, showing the relevance of the study of the text for the development of the deaf student in the classroom through the teaching of textual genres. Of the authors studied, Borges (2002) stands out, showing that genres are understood as being stable, relevant types, taking place through communication situations; Matêncio (2008) who makes reference to researchers and teachers, characterizing learning as being responsible for the subject; Dell’Isola (2009) showing that the adequacy of a text requires considering the social and intellectual activity of which the text is inserted; Almeida (2006) who shows the bilingual proposal recognizing the linguistic right of the deaf individual and the language becoming part of a central scenario of the imagination and formation of school concepts by the student; finally Barros (2015) shows the need and the communicative purposes that derive from the use of language by deaf students. In conclusion, the textual genres serve as a support for the deaf student and the listener to obtain knowledge, showing that there is a relationship between textual genres and learning, making reservations the difficulties that deaf students encounter in relation to the written text.

Keywords: Genre; Mother tongue of the deaf; Portuguese language teaching for the deaf.

¹ Graduada em Língua Portuguesa pela UFPB e em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação São Judas Tadeu.

² Doutora em Letras pela UFPE. Professora Substituta do IFPB.

1. INTRODUÇÃO

Quando a língua brasileira de sinais (Libras) foi reconhecida como a língua materna dos surdos, seus direitos foram legalizados, surgindo assim vários estudos. De acordo com Decreto Federal N° 5.626, de 22 de dezembro de 2005, fica regulamentada a Lei Federal 10.436/02, que assevera o direito do surdo à educação bilíngue, tendo a língua portuguesa como a segunda língua materna do surdo. Mas, mesmo com todos os seus direitos assegurados perante a lei, as propostas pedagógicas e suas metodologias precisam ser discutidas e analisadas.

Trabalhar os gêneros em sala de aula é uma forma de aumentar as chances do uso da linguagem pelo discente surdo, possibilitando assim sua autonomia linguística, tendo em vista que é preciso pensar no ensino da língua de forma que permita ao aluno surdo um bom aprendizado, e os gêneros textuais são vistos como fenômenos históricos que estão diretamente ligados ao meio social e cultural, tanto do aluno surdo, quanto do aluno ouvinte.

A problemática observada diz respeito aos benefícios dos gêneros textuais para o aprendizado do aluno surdo; como eles tiveram relevância na sala de aula em que está presente o aluno surdo. Sendo assim, através de uma pesquisa bibliográfica, apresentamos a relevância do estudo do texto para o desenvolvimento do aluno surdo em sala de aula por meio do ensino de gêneros textuais. Alguns autores norteadores dessa pesquisa são: Borges (2002); Matêncio (2008); Dell'Isola (2009); Almeida (2006) e Barros (2015).

Esta pesquisa tem por objetivo geral conhecer como o ensino de gêneros textuais contribuem para o desenvolvimento do aluno surdo em língua portuguesa. Especificamente, objetiva-se: i) conhecer a importância dos gêneros textuais como objeto de estudo em sala de aula; ii) relatar as dificuldades dos alunos surdos em reconhecer gêneros textuais e, por fim, iii) apontar os avanços alcançados pela perspectiva dos gêneros no ensino de língua portuguesa para surdos.

Com o passar dos anos e dos estudos realizados, a perspectiva bakhtiniana de língua passou a ser conhecida. Ela ressaltava três ideias principais: língua, enunciado e gênero do discurso; e sobre o enunciado ele diz que são divididos em conteúdos temáticos, estilo e estrutura, mas o falante é quem apenas relaciona o enunciado aos ligamentos anteriores e aos subjacentes de uma comunicação discursiva.

Quando construímos nosso discurso, sempre trazemos de antemão o todo da nossa enunciação, na forma tanto de um determinado esquema de gênero quanto de projeto individual de discurso. Não enfiamos as palavras, não vamos de uma palavra a outra, mas é como se completássemos com as devidas palavras a totalidade (BAKHTIN, 1992, p.292).

Com a escolha de alguns gêneros, atendendo uma certa atuação de comunicação, a individualidade de uma linguagem efetiva-se através de até duas dimensões, sendo uma delas social, que é aquela onde o ser humano individualmente entra em contato com as produções textuais, tanto da sua época quanto do passado, as históricas, podendo se dizer então, que a linguagem vem da exploração das diversas formas de comunicação.

Este trabalho foi construído e dividido em quatro partes. Em sua primeira parte fala-se sobre gêneros textuais e aprendizagem, em que mostramos a realidade e o que é preciso para que a escola passe por uma adequação para acolher o aluno surdo, fazendo menção à Lei número 7853, de outubro de 1989. No segundo momento discorreremos sobre as dificuldades dos alunos surdos em relação ao texto escrito, isto é, neste tópico busca-se mostrar que estudar, aprender e interpretar não são tarefas fáceis ou simples e que são ainda mais difíceis para o aluno surdo, principalmente quando se deparam com problemas de vocabulário. Já na terceira parte o texto transparece a importância dos gêneros textuais para os alunos surdos, porque apesar de não serem fáceis de se trabalhar são uma ferramenta fundamental e indispensável para o aprendizado do aluno surdo. Por último, e não menos importante, a quarta parte, que trata das considerações finais, manifestando as inquietações relacionadas aos desafios encontrados na sala de aula e a busca por aprimoramento para que se possa trabalhar alcançando êxitos no ensino, evidenciando-se as reflexões que vêm sendo desenvolvidas na educação.

2. OS GÊNEROS TEXTUAIS E A APRENDIZAGEM

Nota-se que no dia a dia os alunos surdos enfrentam dificuldades para serem incluídos na escola. Na realidade, é preciso que a escola passe por adequação à realidade da inclusão, porque ela é um direito de todos, ou seja, todas as pessoas com deficiência possuem o direito de estarem em salas regulares de ensino, conforme a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989. Ressalte-se que se faz necessário conhecer os alunos surdos e suas demandas, especialmente as linguísticas e pedagógicas, possibilitando o acesso a vários direitos, nesse sentido, vai evidenciando-se que os

surdos não devem ser comparados com os falantes e ouvintes que já dominam sua língua, o português.

Agora, voltando-se para as metodologias e incentivo ao ensino do português para o aluno surdo, mais precisamente, falando sobre os gêneros textuais, nota-se a dificuldade que os aprendizes surdos sentem ao lerem ou produzirem textos escritos. Pois eles demandam de estratégias metodológicas de ensino, isso por intermédio dos gêneros textuais e recursos visuais que façam sentido a vivência deles, práticas sociais e culturais, de forma que o aprendiz desenvolva habilidades de leitura e produção de texto, ampliando o seu conhecimento de mundo. Ler envolve a compreensão e identificação do significado total do texto, deixando-o em uma determinada realidade social, fazendo parte de um determinado gênero discursivo. Os gêneros são vistos como relativamente estáveis, pois estão vinculados as situações que são habituais na comunicação. É possível que eles sejam partilhados em uma determinada comunidade, fazendo vínculo com a cultura de forma que as pessoas conheçam suas manifestações e, são instrumentos maleáveis da comunicação humana, surgindo a partir de uma determinada situação.

Os gêneros são entendidos como tipos relativamente estáveis, realizados em situações habituais de comunicação, culturalmente estabelecidas, compartilhadas por toda comunidade, de forma que se reconheça imediatamente o gênero após sua manifestação. São instrumentos maleáveis e dinâmicos da ação comunicativa humana, elas surgem à medida que as situações de comunicação necessitam de novos meios para realizar, o que se justifica dada a natureza virtual e inesgotável da atividade humana. (BORGES, 2012, p. 123).

Os gêneros em sua relevância para o aprendizado dos discentes, sejam ouvintes, falantes ou surdos, tornaram-se imprescindíveis para a comunicação, passando a ser objeto de estudo de vários professores e pesquisadores. Nessa perspectiva, Borges (2012, p.121) afirma: “os gêneros textuais têm sido objeto de estudo constante por parte dos pesquisadores preocupados com uma prática que privilegie a interação verbal e as diversas situações de interlocução”.

É importante salientar que a leitura para o aluno surdo e para o ouvinte é a maneira mais enriquecedora para se ampliar o que conhece do mundo. Porém, até que o surdo compreenda o texto, existe um processo árduo de letramento, que é muito importante, o qual possibilita que o aluno relacione as palavras ou frases com o dia a dia; e o professor é o mediador que antecipa tais ações para que compreendam o texto, fazendo as devidas leituras, assim, começando a fazer uma leitura bastante produtiva e individual, entendendo melhor o que está sendo trabalhado.

Segundo Quadros (1997, p. 97), “as pessoas aprendem a maior parte das palavras que conhecem através do contexto em que estão inseridas e não por procurarem o significado das mesmas no dicionário”. Ainda, conforme Matêncio (2008, p. 551):

[...] pesquisadores e professores podem depreender pistas desse processo de aprendizagem pela atitude responsiva dos sujeitos em formação. É porque consideram esse aspecto que muitos salientam a relevância de se lidar com os chamados “conhecimentos prévios” com os quais nossos alunos chegam às diferentes etapas da escolarização.

Os conhecimentos prévios citados acima se referem ao que os discentes conheceram antes de entrarem na escola, o que aprenderam em meio à sociedade, à comunidade em que vivem ou viviam e o que conheceram através do que lhes foi passado pelos seus pais, irmãos, familiares e amigos, refere-se muito também à cultura que eles participaram e conheceram.

Porém, não basta apenas conhecer o “mundo”. É preciso, de modo geral, dominar a língua portuguesa na modalidade escrita, proporcionar a liberdade de qualquer expressão, exigindo o mínimo de conhecimento, mas vale salientar que se espera que o aprendiz aumente o poder sobre o discurso, em diversas situações que fazem menção a comunicação, sobretudo a linguagem, inserindo-o no mundo da escrita.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (1998, p.22) afirmam que “a língua é um sistema de signos histórico e social que possibilitam ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, aprendê-la é aprender não só as palavras, mas seus significados culturais”. Pois a adequação textual requer que se considerem atividades sociais e intelectuais das quais fazem parte os textos.

A adequação de um texto a um contexto requer que se considere a atividade social e intelectual da qual o texto faz parte. As ações individuais e sociais realizam-se através da linguagem, materializados em gêneros textuais discursivos. Os gêneros se mantêm focalizados em determinadas ações retóricas, graças a propósitos comunicativos, que podem não ser reconhecidos por alguns dos membros de uma comunidade, mas que ainda assim, existem na constituição do texto. Na investigação dos gêneros é possível depreender certos propósitos comunicativos ou fazer conjecturas acerca desses propósitos (DELL’ISOLA, 2009 ,p. 8).

Bakhtin (1997, p. 293) traz um conceito sobre enunciado, quando diz "o discurso muda sempre a forma do enunciado que pertence a um sujeito falante não pode existir fora dessa forma". Quaisquer que sejam o volume, o conteúdo, a composição, os enunciados sempre possuem comunidades da comunicação verbal, características estruturais que a eles são comuns e acima de tudo, são uma fronteira claramente

delimitada. Tais fronteiras que ele se refere no enunciado são compreendidas como unidade da educação verbal e elas são determinadas pela alternância de sujeitos falantes ou entre interlocutores. Nesse processo, a pessoa que recebe a mensagem não é passiva a ouvir compreender o enunciado, mas possui uma postura responsiva, ou seja, pode opinar, discutir, interromper, exercendo o seu papel ativo no ato comunicativo, caracterizando assim um enunciado.

Domínio discursivo constitui muito mais uma "esfera da atividade humana" no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica instâncias discursivas por exemplo: discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso e etc. Não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados. constituem práticas discursivas das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios ou específico como rotinas comunicativas e institucionalizadas e instaurados de relações de poder. (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Como podemos observar na citação supracitada, o discurso não abrange um gênero em particular, porém, apresentam-se em forma de enunciados orais ou escritos. O gênero discursivo e o gênero textual são termos que trazem inquietações, partindo-se dos conceitos apresentados por Bakhtin, através dos estudos realizados sobre gêneros, percebendo-se que, de forma direta ou indireta o pensamento bakhtiniano influencia e até fundamenta grande parte das pesquisas nessa área. Para Marcuschi (2008, p. 151) "na realidade, o estudo dos gêneros textuais é hoje uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para a linguagem em funcionamento e para as atividades culturais e sociais". Sendo assim, os gêneros textuais são vistos como formas culturais e cognitivas de uma ação social que está diretamente ligada a escola, a sociedade e aos ambientes em que os alunos interagem ou participam.

Encontramos os textos no dia a dia, eles acabam materializando-se em formas de situações derivadas da comunicação, estes gêneros são textos que encontramos em nossa vida diária, quando vamos à escola, quando lemos um enunciado na lateral de um ônibus em forma de divulgação, quando estamos em um hospital e lemos uma placa escrito silêncio.

Gênero textual refere-se os textos materializados em situações comunicativas recorrentes os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sócio-comunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciados e estilos completamente realizados na integração de forças históricas, sociais vírgulas institucionais e técnicas (...) (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Os enunciados estão diretamente ligados ao emissor deseja passar e o estilo em que o texto se encontra. Ainda, para Marcuschi (2008, p. 154), "Quando dominamos o gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar

linguisticamente objetos específicos em situações sociais particulares”. Mas também não é só dominar a modalidade escrita é preciso entender identificar o significado total do texto inserindo a sua realidade social, atribuindo a ele, efeitos de sentidos nas unidades que o compõem.

Segundo Fernandes (2006, p. 14):

Ler envolve compreender, identificar o significado global do texto, situando-o em uma determinada realidade social, fazendo parte de determinado gênero discursivo e atribuindo relações e efeitos de sentido entre as unidades que o compõem. [...] Entendemos que dominar esse processo envolve elaborar hipóteses de leitura sobre o texto que nos oportunizam a reflexão, aguçam a curiosidade e nos desafiam à busca pelo acerto. Levantar hipóteses requer a associação com informações anteriores, a antecipação sobre o texto e a seleção de ideias principais que o texto veicula.

O estudo dos gêneros textuais é visto como uma área interdisciplinar e fértil que se dá atenção especial para o funcionamento da língua e suas atividades culturais e sociais que são diretamente ouvidas. É preciso olhar para os gêneros como uma forma cultural de ação social que ajuda na comunicação de um modo particular da linguagem, os gêneros são usados de formas dinâmicas auxiliando, assim, os estudantes.

Marcuschi (2008, p. 155/156) afirma que:

Na realidade, o estudo dos gêneros textuais é uma fértil área interdisciplinar com atenção especial para o funcionamento da língua e para as atividades culturais sociais. Desde que não conservamos os gêneros como modelos estanques, nem como estruturas rígidas mas como formas culturais e comunicativas de ação social corporicadade modo particular na linguagem, temos de ver os gêneros como entidades dinâmicas.

Portanto, os gêneros são vistos como sendo relevantes para o aprendizado do aluno surdo e do aluno ouvinte. Salientando que a leitura é uma das maneiras mais enriquecedoras de se ampliar o conhecimento geral, levando em consideração os saberes que os alunos já possuem antes de entrarem na escola, cabendo ao professor ser mediador entre o conhecimento prévio e o que vão conhecer a partir do momento que entrarem na escola.

Ao dominar a língua portuguesa na modalidade escrita, o aluno ganha liberdade de se expressar, conseguindo interagir entre si e com os demais. Porém, dominar a língua portuguesa não é fácil, existem as grandes dificuldades enfrentadas pelos aprendizes de uma segunda língua, em relação ao texto escrito e claramente interpretar, compreender, não são tarefas simples, exigindo muito do aluno e mais ainda do professor que deverá desenvolver metodologias que acabem ou diminuam com as dificuldades dos alunos da sala de aula.

3. AS DIFICULDADES DOS ALUNOS SURDOS EM RELAÇÃO AO TEXTO ESCRITO

Nitidamente, estudar, aprender, interpretar, não são tarefas fáceis ou simples, porém se tornam mais difíceis quando o aluno se depara com problemas de vocabulário, morfológico e sintáticos existentes em um texto. Mas devemos levar em consideração o conhecimento que o discente tem do mundo, que vai variando de pessoa para pessoa, este conhecimento deve ser explorado, suprido, construído e observado em sala de aula, tendo por meio principal o ensino e aprendizado de uma língua, voltando-se para as habilidades de leituras e produções de texto.

Na questão da construção do conhecimento do aluno na forma como organizar o texto, notou-se que ele se firma no que já conhece, referente aos gêneros textuais e ao conhecimento que já faz parte de sua vida. No caso do aluno surdo, essa atividade é mais complexa, tendo em vista o fato de que sua língua materna é a LIBRAS, mas como ele vive rodeado de textos escritos, Freire (1999) diz que é importante que sejam ofertadas ao aprendiz surdo todas as informações necessárias sobre a organização textual do português, para que, com isso, ocorra o acionamento do conhecimento, sempre que tiver que enfrentar uma situação de compreensão de texto.

[...] basta que se considere a necessidade de o sujeito lidar, seja na leitura, na escrita ou na análise de textos com diferentes *scripts*, ora acionando representações de relações entre parte, todo, ora evocando representações de relações temporais ou casuais, ora lidando com representações de informações vinculadas a ações e eventos que lhe são familiares. (MATÊNCIO, 2008, p. 550)

O processo de inclusão do aluno surdo na escola regular torna-se um tema de grande importância, porque é preciso um estudo minucioso, para que através da formação profissional dos educadores da escola e suas práticas pedagógicas, se conheça as dificuldades do aluno surdo e também as dificuldades e necessidades da escola, notando-se que conhecendo essas dificuldades fica mais fácil trabalhá-las, pois a educação é fundamental na formação das pessoas e ela é um meio de crescimento pessoal e social do aluno e a escola é mediadora do ensino, buscando formar e instruir o aluno.

Quando paramos para pensar e falamos em “educação para todos”, entendemos que de forma ampla e geral, que toda pessoa deve ser contemplada, independente da sua classe social. E quando se fala em escola, sabemos que ela busca trabalhar o desenvolvimento do aluno. Matêncio (2008, p. 557) diz:

Alguns dos eixos que, certamente, devem sustentar a construção desses projetos político-pedagógicos foram esboçados na discussão teórica acerca da relação entre gêneros do discurso e processos de socialização. Além de se prever a incorporação de diferentes manifestações da linguagem e não só as ligadas à fala e à escrita – o que pressupõe tarefas e atividades em que se destaquem as inter-relações entre a fala, a escrita e outros sistemas semióticos –, a valorização da diversidade de idéias, cultura e formas de expressão deve criar condições para que se explore a interdependência de formas, usos e funções de linguagem.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Soares (2001, p. 36) relata que o termo “letrado” será usado para caracterizar a pessoa que não apenas sabe ler e escrever, mas faz frequente uso da leitura e escrita. No letramento, o docente deve incentivar que o aluno leia e interprete, mas antes o mestre deve explicar questões do vocabulário e estrutura das palavras, até mesmo as mais difíceis, para que o aprendiz compreenda a finalidade do texto.

Ensinar a língua portuguesa escrita para quem não conhece a oralidade é desafiador para todos, principalmente para os professores que têm alunos surdos na turma. Sua dificuldade mais exaltada é a falta de conhecimento da língua portuguesa falada e um erro comum cometido pelo professor é tentar “oralizar” a criança surda. Existe muita dificuldade na escrita e ela se inicia muito antes do aluno começar a prática de escrita, porque a língua de sinais é visual e espacial, enquanto a língua portuguesa é auditiva e oral, determinando que os canais de recepção e de emissão sejam distintos, pode-se, então, dizer, que a consequência disso é o aprendizado da leitura e da escrita pelos surdos. Para aprender e obter conhecimento, as pessoas surdas desenvolvem e constroem um sistema que não representa a primeira língua, ou seja, a língua de sinais.

4. A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM PARA OS ALUNOS SURDOS

Esta pesquisa bibliográfica examinou trabalhos que mostram os gêneros textuais como auxiliares no desenvolvimento e aprendizado do aluno surdo, assim como mostra também que existem dificuldades a serem sanadas, tendo em vista que a língua portuguesa é a segunda língua para o aluno surdo.

Como foi falado em perspectiva social da linguagem, ela busca defender um conhecimento e aprendizado que vai além de uma memorização automática de regras, mostrando as características de um determinado gênero textual.

Com tantos estudos feitos, é preciso ter em mente que o aluno surdo após ser situado no ensino bilíngue, tem como primeira língua a gestual, e ela é usada

preferencialmente pelo aluno surdo em todos os momentos em que houver comunicação, tanto em sala de aula, quanto fora dela. Sendo assim, qualquer outra língua que o aluno surdo tenha que aprender em contexto escolar, deve ser considerada como segunda língua.

A esse respeito, Pereira (2011, p. 610) esclarece:

é sabido que, por não terem acesso à língua oral, a quase totalidade das crianças surdas chega à escola com, no máximo, fragmentos da língua portuguesa. Se forem filhas de pais ouvintes, é quase certo que chegarão também sem a língua brasileira de sinais.

No ensino tradicional, acreditava-se que o aluno surdo tinha que se comunicar exclusivamente por meio da língua portuguesa oral. Mas como havia pouco conhecimento, os professores passavam atividades de ditados, cópia e exercícios que tinham destaques na repetição, ou seja, a memorização mecânica do texto não era tida como objeto de estudo, o que foi mudando ao longo dos anos, pois o estudo e a produção de texto passaram a ser aliados do aluno surdo e sua aquisição na língua portuguesa.

A proposta de um ensino bilíngue se caracteriza como regular e inclusiva, em que essa educação para surdos ocorre por meio do uso de duas línguas, sua língua materna, a LIBRAS, e a língua portuguesa, no caso do Brasil. A escola deve adequar-se, já que estamos falando de inclusão e promover interação do aluno surdo com pessoas que dominem a língua portuguesa e a língua de sinais, tendo em vista a acessibilidade do aluno.

Para Almeida (2016, p. 39):

a proposta de uma educação bilíngue reconhece o direito linguístico do indivíduo surdo, defendendo a interação destes com usuários da língua de sinais, de maneira que esta língua garanta o pleno desenvolvimento da criança surda.

A linguagem faz parte do cenário central da imaginação e formação de conceitos escolares pelo aluno, fazendo com que seja necessária uma reorganização e reestruturação da significação dessa realidade, de modo que a leitura, enquanto processo de interação, estimule o desenvolvimento.

Pinto (2010, p. 37) diz que:

Para a perspectiva histórico-cultural, a linguagem ocupa papel central nessa questão, implicando não só a apropriação da realidade vivida, como também uma reorganização e reestruturação da significação dessa realidade na mente do sujeito, contribuindo para a constituição de sua consciência e individualidade.

Para um bom desenvolvimento da aprendizagem do aluno surdo, o professor deve oferecer diversos textos que configuram os variados gêneros, utilizando-se de metodologias que adequem-se a cada especificidade do estudante. A leitura é conhecida e aceita como caráter social dos fatos, enfocando a linguagem, definindo o texto como um objeto de interação social. Bakhtin (2003, p. 280) afirma: a Língua utiliza-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana.

Tal afirmação traz à tona a importância de se conhecer os gêneros, pois são esses enunciados que constituem os conteúdos temáticos no estilo verbal, então se pode dizer que os gêneros são considerados estáveis de acordo com as situações cotidianas de interação comunicativa, as quais são culturalmente estabelecidas e vinculadas com a comunidade, eles como sendo algo maleável, adaptando-se de acordo com a necessidade da dinâmica da comunicação, enfatiza o que Bakhtin (2003, p. 280) diz: “cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa”.

Os surdos não são letrados na sua língua quando se deparam com o português escrito. A escrita passa a ter uma representação na língua portuguesa ao ser mediada por uma língua que tenha significação. As palavras não são ouvidas, eles não discutem sobre as coisas e seus significados no português, mas isso acontece na língua de sinais. Assim, a escrita do português é significada a partir da língua de sinais. (QUADROS; SHMIEDT, 2006, p.33).

Matêncio (2008, p. 7) diz que a função verdadeira da escola é trabalhar o desenvolvimento da língua falada no aluno, mas isso não tem utilidade no cotidiano, na vida, nas relações sociais do aluno surdo, por isso fica sem entendimento, a língua só terá êxito quando o aprendiz fizer uso da leitura e da escrita em suas vivências do dia a dia. Quando se trabalha o desenvolvimento da fala no aluno surdo, só é possível se a fala não for oral, mas a escola pode desenvolver a fala sinalizada de um educando surdo, garantindo condições de uma correta aquisição de uma língua de sinais, que no caso do brasileiro é a LIBRAS.

Desenvolver um ensino da língua portuguesa para surdos com gêneros textuais, tem sido uma oportunidade excelente para que se abranja o uso da linguagem, possibilitando ao aluno surdo a apropriação da língua portuguesa que lhe é asseverado por lei. Neves (2013, p. 30) mostra uma proposta de atividade, que focaliza, o gênero

textual convite, objetivando o desenvolvimento e habilidades de leitura crítica a produção deste gênero em diversas esferas sociais. Ainda,

Neves (2013, p. 30) mostra:

Especificamente, a atividade almeja: a) observar aspectos funcionais e sociais do gênero textual convite; b) comparar o gênero textual convite em Libras e Língua Portuguesa; c) selecionar informações fundamentais ao gênero convite e d) reconhecer a leitura de textos verbais e não verbais como possibilidade de acesso a diferentes informações. A atividade terá duração de quatro horas/aula e iniciar-se-á com uma discussão acerca do gênero textual convite, com enfoque para suas principais características. Para isso, será necessário um diálogo com os alunos para identificar o seu conhecimento prévio acerca desse gênero, e assim, destacar alguns aspectos concernentes ao convite, como: Para que se faz um convite? Quem são os interlocutores? É um gênero impessoal ou pessoal? Explora-se com maior frequência que tipo de linguagem, verbal e/ou não verbal?

Afirma-se, então, que esta pedagogia de gênero é tida como uma forma de intervenção, da qual se espera que permita ao aluno surdo reconhecer os padrões norteadores de uma construção de textos, relação com os significados e os objetivos comunicativos desses mesmos textos simultaneamente. São considerados vários níveis de descrição da língua que é centrado no gênero textual, possuindo alguns aspectos considerados essenciais e fundamentais. Podem-se notar esses aspectos em Barros (2015, p. 102):

[...] a necessidade e os propósitos comunicativos que derivam da utilização da língua por parte dos alunos surdos; a identificação dos gêneros cujo domínio é necessário para que essa utilização seja eficaz; de que forma esses gêneros constroem, i.e. quais as etapas inerentes ao seu processo de construção; e ainda quais padrões linguísticos e características ao nível dos vários significados e da lexicograma que estão presentes ao longo de varias etapas.

Por isso, é preciso que haja uma atenção especial no ensino dos gêneros textuais, focando nos mais diversos gêneros, pois eles possibilitam que o professor trabalhe várias metodologias, com isso suprindo a necessidade de cada aluno, eles também proporcionam além do aprendizado ao aluno surdo, um conhecimento que seja mais efetivado do montantes de gêneros no âmbito escolar e as suas características, o que serve de auxílio na disciplina de português.

Em estudo realizado por Andrade (2012), foram observados alunos que possuíam idades entre 13 e 16 anos, tais alunos estudavam no oitavo ano, eles possuíam atendimento fonoaudiólogo fora da instituição. Alguns desses alunos faziam uso da leitura orofacial e apenas dois eram realmente “oralizados”, ou seja, conseguiam se expressar verbalmente. Dos alunos, 14 moravam na zona sul de São Paulo. De acordo

com as informações que foram colhidas junto à coordenação pedagógica, esses alunos são de famílias carentes, eles não têm acesso à leitura, a jornais ou revistas e foi observado que o espaço físico da sala de aula era pequeno e os alunos ficavam apertados durante a aula.

Realizaram-se seis observações nas aulas de português, durante duas semanas seguidas. Essas aulas de língua portuguesa foram distribuídas em quatro dias da semana, tendo duração de 50 minutos cada. Ela observou situações de leitura e escrita do texto narrativo, histórias em quadrinhos e jornal, focando a metodologia adotada pela professora no processo de ensino e aprendizagem, no pouco tempo de observação, foi permitido um olhar mais completo sobre as atividades realizadas.

Durante as observações, notou-se que os 12 alunos sentavam-se formando um semi-círculo e três alunos sentavam-se em frente aos outros, devido ao espaço da sala de aula ser pequeno. Durante as aulas a professora sempre esteve de pé na frente dos alunos ou então andava na sala para auxiliar os alunos individualmente e para facilitar o ensino-aprendizagem dos alunos. A professora durante a leitura dos textos e frases junto com os alunos, utilizou-se dos sinais de libras oralizando concomitantemente na estrutura da língua portuguesa a utilização, tanto na comunicação na leitura, como na linguagem de sinais.

Sousa e Santos (2016) têm um posicionamento diferente em relação ao ensino do aluno surdo, pois através de pesquisas feitas e de relatos de professores e alunos foi constatada uma grande disparidade entre o nível de conhecimento dos alunos surdos com e o nível da prova do Enem. Neste estudo, questiona-se a formulação da prova para o público surdo, pois é feita para alunos que possuem a língua portuguesa como primeira língua, porém a língua do surdo é a LIBRAS, o que difere no ensino, uma vez que esses alunos estão inseridos em um ambiente escolar diferenciado e no Enem é requerido do aluno surdo alguns conhecimentos que muitas das vezes não é apresentado a eles na sala de aula, como por exemplo: literatura.

No estudo realizado por Silva (2010) focalizou-se os gêneros charge e tirinha, a professora na sala de aula confeccionou com os seus próprios alunos os textos, que envolvem a linguagem verbal e não-verbal, isto foi importante para uma reflexão a respeito da vinculação desses gêneros, suas características e sua função social, contribuindo para a formação de alunos mais críticos e que compreendessem melhor o texto escrito. Através dessa pesquisa, foi compreendida a importância de se trabalhar os

textos de uma forma lúdica ajudando no aprendizado da língua, o que favoreceu a uma discussão de aspectos gramaticais sem que houvesse uma manifestação dos conteúdos.

Ao observar o uso das tirinhas na sala de aula, houve a possibilidade de um trabalho com a escrita e a revisão dos textos produzidos pelos alunos. Nele, discutiu-se também a função e características de elementos próprios dos gêneros textuais. Outro ponto que a autora achou crucial foi o uso das onomatopeias, que são figuras de linguagem, pois trouxe a possibilidade de representação de ruídos e efeito sonoros, o que fez com que despertasse o interesse e a curiosidade dos alunos ao perceber uma possibilidade de "ver o som".

Portanto, compreende-se que há um longo caminho a se percorrer quando se trata da aquisição de uma nova língua, existindo diversas dificuldades que dificultam o aprendizado do aluno surdo, levando em consideração que o sistema ainda não está capacitado para suprir todas as necessidades existentes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo surgiu através de minhas inquietações relacionadas aos desafios encontrados no dia a dia e principalmente em sala de aula. Ao iniciar minha jornada como docente, me vi despreparada para trabalhar com o aluno surdo, pois ao longo da minha caminhada acadêmica pouco foi trabalhado o tema. Contudo, procurei novos horizontes, novos aprendizados e novas experiências que me permitissem atender e sanar as necessidades de todos os alunos, sempre reinventando novas metodologias baseadas na dificuldade de cada discente.

Foram feitas diversas pesquisas bibliográficas, nelas foi possível observar múltiplas discussões acerca dos gêneros textuais e como servem de apoio para a obtenção de conhecimentos por parte do aluno surdo como também do aluno ouvinte. Buscou-se neste trabalho mostrar o vínculo entre os gêneros textuais e a aprendizagem, as dificuldades que os alunos surdos encontram em relação ao texto escrito e a importância dos gêneros textuais para o surdo.

É notável a dificuldade de pensar, e até mesmo, acreditar que a educação consiga abranger tudo que está assegurado por lei para os surdos. Sabemos que a teoria é bem diferente da realidade vivenciada por muitos alunos e profissionais da educação. Mas a língua de sinais conquistou reconhecimento, sendo oficialmente conhecida como a língua materna do surdo. Isso trouxe motivação aos professores, fazendo com que os

profissionais se especializem e busquem aprendizado e aperfeiçoamento para que possam ser a ponte entre o conhecimento e o aluno.

Portanto, concluiu-se que ainda há um grande caminho para percorrer no que se refere ao ensino do aluno surdo. Porém mostrou-se também que o ensino do gênero textual na sala de aula é um divisor de águas para o aprendizado, pois o ensino do gênero possibilita ao aluno surdo uma certa individualidade. Desejou-se, com este artigo, mostrar reflexões que vêm sendo desenvolvidas na educação, especialmente na sala de aula e no que concerne ao ensino de língua portuguesa para surdos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. L. **Português como segunda língua para surdos: a escrita construída em situações de interação mediadas pela Libras**. São Carlos, v. 1, f. 244, 2016. 239 p. Tese - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS.

ANDRADE, M.M.F. **Práticas de ensino da língua portuguesa para alunossurdos**. Universidade metodista de Piracicaba, [S. l.], p. 86, 2012.

BAKHTIN, M. (1992) Os gêneros do discurso. *In*: _____. **Estética da criação verbal** (trad. M. E. Galvão Gomes). São Paulo: Martins Fontes.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 476 p.

BORGES, Flavia Girardo Botelho. Os gêneros textuais em cena: uma análise crítica de duas concepções de gêneros textuais e sua aceitabilidade na educação no Brasil. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 119-140, 2012.

BRASIL. **Lei nº. 7.853, de 24 de Outubro de 1989**. Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência - Corte institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público, define crimes, e dá outras providências. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília. Acesso em: 20 out. 2020.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. (3º e 4º ciclos do ensino fundamental). Brasília: MEC, 1998. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2020

DELL'ISOLA, R. L. P. **Aula expositiva**. Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, setembro 2009.

Fernandes, S. **Práticas de letramentos na educação bilíngue para surdos**. Curitiba: SEED, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 12^a Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais no ensino de língua. *In*: **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Gêneros do discurso e apropriação de saberes: (re)conhecer as práticas languageiras em sala de aula. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 8, f. 3, p. 541-562.

MOTTA-ROTH, Désirée. Análise crítica de gêneros: contribuições para o ensino e a pesquisa de linguagem. **D.E.L.T.A**, Santa Maria, 2008.

NEVES, B.C.; OLIVEIRA, L.V.B.; GONÇALVES, A.P.; MORAES, F.M. **Os alunos surdos do ensino médio nas escolas comuns: uma análise do ensino da Língua Portuguesa**. Trabalho de Conclusão do Curso de Letras. Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão/SC. 2010.

PINTO, G. U. **Imaginação e formação de conceitos escolares**: examinando processos dialógicos na sala de aula. Tese de doutorado. Piracicaba, 2010.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médias, 1997.

QUADROS, R. M.; SCHMIEDT, M. L. P. **Idéias para Ensinar Português para Alunos Surdos**. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

RAMIRES, Vicentina. Panorama dos Estudos Sobre Gêneros Textuais. **Revista Investigações**. Volume 18. Número 2. 2005.

SILVA, A. G. A leitura de charges e "tirinhas" como recurso pedagógico na educação de jovens e adultos surdos. Instituto Nacional de Educação de Surdos, [S. l.], p. 12, 8 nov. 2010.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, 2003.

SOUSA, A. C. R. L; SILVA, A. M. **Gêneros textuais no ensino de português como segunda língua para surdos**: Ocorre esse ensino em sala de aula?. Universidade de Brasília-UnB, [S. l.], p. 21, 23 dez. 2016.